UM DIÁRIO COMO SUPORTE DE ESCRITA CONFIDENTE

THALIA COSTA DUARTE[1];
VANIA GRIM THIES[2];

[1]Universidade Federal de Pelotas – thaliacostaduarte@gmail.com
[2]Universidade Federal de Pelotas – vaniagrim@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar as múltiplas funções e aspectos terapêuticos que um diário, suporte de escrita pessoal, exerceu na trajetória de vida de uma mulher com uma profunda tristeza encoberta por uma felicidade forjada de aparências. O diário foi escrito e utilizado entre o período de 1996 a 2001. A pesquisa está vinculada a um projeto[1] desenvolvido no centro de memória e pesquisa História da Alfabetização Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (Hisales/FaE/UFPel)[2]. No momento atual, em virtude da pandemia (Covid-19), o Hisales está funcionando por meio de atividades virtuais. Como bolsista de iniciação científica[3], desenvolvo a pesquisa especificamente em um dos seis acervos principais, o acervo das escritas pessoais e familiares (Acervo 6) realizando as atividades por meio do trabalho remoto.

O trabalho tem como finalidade discutir o suporte de escrita, o diário, como uma ferramenta terapêutica, através das suas múltiplas funções, tais como: relatar experiências vividas, sentimentos, angústias, desejos, medos, pensamentos, segredos, opiniões, ideias, pontos de vistas, etc. Segundo Yonne de Souza Grossi e Amauri Carlos Ferreira.

> A voz segue com cautela o deslindar do passado e pouco a pouco descreve experiências vividas. As palavras cartografam vivências a partir de um tempo ausente que se tornou presente pela linguagem (GROSSI e FERREIRA, 1999, p. 30).

A linguagem manuscrita presente no decorrer das páginas do diário nos auxilia a perceber e compreender o caráter terapêutico que essas escritas íntimas e pessoais possuem. A mulher que escreveu no diário utilizava-o para mapear suas vivências e experiências, como uma forma de distrair-se de suas preocupações, pensamentos e perturbações que pareciam estar lhe desestruturando emocionalmente e psicologicamente sua mente. Este diário em especial, mostra o quanto a linguagem escrita pode ter múltiplas funções e uma delas é a função terapêutica.

---

[1] Projeto Cultura Escrita e Educação do Campo (Edital Universal 01/2016).

[2] O Hisales - História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares - é um centro de memória e pesquisa, constituído como órgão complementar da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), que contempla ações de ensino, pesquisa e extensão. Sua política principal é fazer a guarda e a preservação da memória e da história da escola e realizar pesquisa. Mais informações: site (http://www.ufpel.edu.br/fae/hisales/), redes sociais (Facebook: Hisales / Instagram: @hisales.ufpel) e e-mail (grupohisales@gmail.com).

[3] Bolsista de Iniciação Científica (PROBIC/Fapergs).

2. METODOLOGIA

A metodologia empregada para esse trabalho científico de pesquisa, teve início logo após uma busca por materiais que estavam entre os guardados na minha casa e que, pelas características se vinculam aos do projeto do qual sou bolsista. Num momento posterior ao trabalho de triagem e busca dos materiais, decidi que meu objeto de pesquisa seria um diário do ano de 1996. O material estava guardado na minha casa, dentro de uma gaveta com alguns livros e cadernos de receitas, desde o ano de 2007.

O primeiro passo foi realizar a higienização do objeto de pesquisa, o diário, assim posteriormente a esse processo já comecei a fazer uma primeira análise do conteúdo contido no interior do material. Em seguida prossegui com uma estruturação das análises que foram registradas em um caderno de registros, no qual fiz várias anotações para iniciar a problematização e as possíveis relações com os referenciais teóricos.

Em relação aos aspectos de conservação, o diário encontra-se em estado regular, apresenta algumas folhas rasgadas e manchadas por algum tipo de líquido. O diário possui 101 páginas e a maior parte delas possui registros. Este diário possui imagens de atores que foram coladas em todas as páginas, com os respectivos nomes artísticos. Outro aspecto interessante é que essas imagens foram coladas intencionalmente para esconder ou encobrir a escrita que o diário possuía em cada página. O diário foi produzido em um suporte de agenda do ano de 1994, embora tenha sido escrito somente no ano de 1996. Nota-se também que outras pessoas escreveram no diário, fato visível pelos diferentes tipos de caligrafias, mas ao que tudo indica nenhuma dessas pessoas teve acesso a leitura das escritas particulares porque haviam imagens fixadas em cima de todos os seus manuscritos.

Analisei também as particularidades referentes à materialidade do diário, além do seu conteúdo, formas de registro e suas possíveis implicações. Desse modo pude ter uma visão mais aprofundada da importância deste material como uma ferramenta terapêutica em suas múltiplas funções, entre elas: relatar experiências vividas, sentimentos, angústias, desejos, medos, pensamentos, segredos, opiniões, ideias, pontos de vistas, etc.

Pela forma peculiar como este diário foi escrito podemos perceber que a pessoa que o escreveu estava com algum problema psicológico ou transtorno mental e que precisava de ajuda, mas talvez não soubesse como pedir e, por isso, escrever nesse suporte talvez fosse uma forma de lhe trazer alívio. Fazendo com que se sentisse ouvida e acolhida por meio da escrita de si.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O diário pertencia a uma mulher que se suicidou de forma trágica. O marido confiou o diário à cunhada e irmã mais velha de sua esposa para que o guardasse, já que ele não tinha condições emocionais de permanecer com o suporte. Por meio das páginas escritas do diário é possível perceber uma pequena dimensão do contexto de origem da mulher que o escreveu, revivendo parte da sua história de vida pessoal anterior ao seu falecimento.

A pessoa que escreveu o diário, pela análise de seu conteúdo, utilizava esse suporte de registro para relatar sua vida sem se preocupar com concordâncias verbais, críticas ou gêneros literários. Apenas registrava uma por meio de uma

escrita simples, por prazer e necessidade de liberar seus sentimentos. Segundo Ariés (2009):

> São escritos sobre si e o mais das vezes para si apenas. Nem sempre se procura publicá-los. Mesmo quando não são destruídos, sobrevivem apenas por acaso, no fundo de um baú ou de um sótão. Portanto, são textos redigidos somente por prazer. [...] (ARIÉS, 2009, p. 15).

Conforme afirma Ariés (2009), o diário é um objeto muito íntimo e pessoal já que contém uma escrita de registros cronológicos e ordenados em decorrência dos acontecimentos cotidianos. Um dos motivos principais para escrever um diário é a necessidade de arquivar a sua própria vida como uma forma de guardar memórias privadas e pessoais, para que no futuro se possa, de alguma forma, compreender melhor sua real função na vida das pessoas que o escrevem. De acordo com CUNHA (2017, p. 191), “ao arquivar sua vida o guardador imortaliza uma época e produz representações e marcas de si mesmo”.

O diário analisado deixa explícito por meio dos registros contidos das páginas, que esse foi utilizado para guardar segredos profundos dos quais a escritora do material não conseguia confidenciar a mais ninguém além das páginas em branco do qual ela fazia suas anotações. Pode-se dizer ainda que, muitas vezes, a pessoa está confusa e não deseja se desprender do passado, querendo vivê-lo como se fosse parte do presente e o diário pode nos permite fazer essa articulação entre o antes e o agora, pois nele podemos escrever tudo que queremos e permitirmos que seja escrito. Visando que:

> [...] uma escrita desse tipo ultrapassa o momento em que se escreve: ela trabalha dentro de nós durante o dia. Não é mais uma “técnica”, mas se torna uma maneira de viver, uma ética. E é preciso que se diga também, um prazer (LEJEUNE, 2014, p. 333).

Como ratifica LEJEUNE (2014), esse tipo de escrita transcende a ocasião em que se escreve, pois ela se funde com o nosso interior e se transforma em palavras manuscritas que revelam as nossas vivências, a nossa própria história. E esse diário revela o quanto essa escrita pessoal e terapêutica proporcionou a sua escritora a um olhar para si. Como assegura, Janice Theodoro (1998, p. 63), a "momentos que desaparecem na linha do horizonte. E a partir desses relatos, dessas descrições, dessas lembranças tênues, perceberemos que a memória possui estranhos marcos”. Que nos ajudam a entender e compreender nossa própria história.

4. CONCLUSÕES

Tendo em vista os aspectos observados, podemos concluir com base nas exposições aqui realizadas, a respeito do tema abordado, que esse suporte de escrita, o “diário”, não serve só para registrar a rotina diária, sentimentos, vontade, desejos, etc. Serve, também, como um objeto de guarda nesse caso, de segredos, do qual não poderiam ser confidenciados a ninguém, por vários motivos tais como medo, insegurança ou até por não acreditar que alguém a compreenderia ou pudesse realmente a ajudar.

Sendo assim podemos dizer que o diário além de ser utilizado para registrar escritas íntimas e pessoais ele ainda pode ser usado como um guardião de memórias para que elas não se percam, além de demonstrar o quanto escrever nesse suporte pode ser reconfortante e libertador. Uma forma de diminuir os problemas e tensões do cotidiano dos quais guardamos e acumulamos em nossas mentes através do tempo.

Dessa forma, o diário aqui analisado exerceu a função de objeto confidente, multifuncional e terapêutico que a ajudava a amenizar os seus sentimento de angústias constantes e sua vontade de falar e ser ouvida, já que o medo de não ser escutada e compreendida a impedia de se expressar através de palavras oralizadas o que estava sentido.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. Por uma história da vida privada. In. ARIÈS, Philippe; DUBY, George (Orgs.). **História da vida privada. Da Renascença ao Século das Luzes** [vol. 3]. Tradução Hildegard Feist - São Paulo: Companhia das Letras, 2009. Disponível em: https://bibliotecaonlinedahisfj.files.wordpress.com/2015/02/chartier-r-org-histc3b3ria-davida-privada-3-da-renascenc3a7a-ao-sc3a9culo-das-luzes.pdf - Acesso em 12/09/2020.

GROSSI, Y.S. & FERREIRA, A.C. Razão narrativa: significado e memória. Apresentado no V Encontro Nacional de História Oral, realizado em Belo Horizonte, p. 25-38, em novembro de 1999.

CUNHA, M.T. S. O arquivo pessoal do professor catarinense Elpídio Barbosa (1909- 1966): do traçado manual ao registro digital. Revista História da Educação (Online), Porto Alegre, v. 21, n. 51, p. 187-206, jan./abr., 2017.

LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet. 2ª edição. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.

THEODORO, Janice. “Memória e Esquecimento”. In: Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 135, out./dez. 1998.